

FRÈRES MIGRANTS, DE PATRICK CHAMOISEAU: A INTENÇÃO HUMANISTA

Véronique Bonnet¹

Trad. Henrique Provinzano Amaral² e Thiago Mattos³

RESUMO: Este artigo examina como, a partir do drama dos migrantes que se dirigem à Europa, *Frères migrants*, de Patrick Chamoiseau, sugere a possibilidade de um “humanismo na medida do mundo” (CÉSAIRE, 1973). O ensaio manifesta uma intenção humanista, sob a forma de uma biblioteca intertextual que perpetua, ao mesmo tempo, o pensamento do humanismo e o espírito da “*sentimenthèque*” que figura em *Écrire en pays dominé* (CHAMOISEAU, 1997). Se o tratamento desumano infligido aos migrantes desvela os pontos cegos do humanismo europeu e relembra os métodos coloniais, a consideração fraternal daqueles convida a repensar e a ampliar o humanismo. A midiatização do ensaio se prolonga por meio da publicação da obra coletiva *Osons la fraternité! Les écrivains aux côtés des migrants* (CHAMOISEAU; LE BRIS, 2018), no interior da qual alguns textos questionam as aporias de toda e qualquer intenção humanista.

PALAVRAS-CHAVE: Migrantes, Intenção, Humanismo, Biblioteca intertextual, Colonialismo.

MIGRANT BROTHERS BY PATRICK CHAMOISEAU: THE HUMANIST INTENTION

ABSTRACT: Considering the tragedy of migrants on their way to Europe, this article examines how Patrick Chamoiseau’s *Migrant Brothers* suggests the possibility of a “humanism made to the measure of the world” (CÉSAIRE, 1973). The essay highlights a humanist intention in the form of an intertextual library that perpetuates both the thought of humanism and the spirit of the “*sentimenthèque*” expressed in *Écrire en pays dominé* (CHAMOISEAU, 1997). If the inhuman treatment inflicted on migrants reveals the blind spots of European humanism and reminds of colonial methods, the

¹ Doutora em Literatura Francesa, professora de Literaturas Francófonas na Universidade Sorbonne Paris Nord (Paris XIII), Laboratório Pléiade. Responsável pelas relações internacionais da UFR LLSHS. Professora convidada na FFLCH-USP em 2017. E-mail: veronique.bonnet8@wanadoo.fr

² Doutorando em Letras Estrangeiras e Tradução pela FFLCH-USP, sob orientação do Prof. Dr. Álvaro Faleiros. E-mail: henrique.provinzano.amaral@usp.br

³ Doutor em Letras Estrangeiras e Tradução pela Universidade de São Paulo (USP). É professor da área de Francês, Literatura Francesa e Tradução da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: thiagomattos.lit@ufjf.br

fraternal consideration of migrants invites us to rethink and expand humanism. The media coverage of the essay is extended by the publication of a collection of texts such as *Osons la fraternité! Les écrivains aux côtés des migrants* (CHAMOISEAU; LE BRIS, 2018) in which some of the texts investigate the aporias of any humanist intention.

KEYWORDS: Migrants, Intention, Humanism, Intertextual library, Colonialism.

As literaturas francófonas se dedicaram, com frequência, a repensar o humanismo europeu e a deslocar suas fronteiras, trazendo consigo uma reflexão sobre o que Patrick Chamoiseau designa como o “desumano” (“*déshumain*”, 2016, p. 31). *Frères migrants [Irmãos migrantes]* é um texto cuja intensidade brilha na brevidade: ele é composto de um ensaio, de uma ilustração em preto e branco feita por Maya Tarnowski Mihindou, dedicada “àqueles que caíram antes de chegar”⁴ (2017, p. 129) e que figura uma espécie de Balsa da Medusa, e de uma “Declaração dos poetas” em dezesseis tópicos, apelo à solidariedade calcado no modelo de uma carta. Publicado inicialmente no site do jornal *Mediapart*, em 2 de fevereiro do mesmo ano, esse apelo também foi lido por seu autor durante uma noite consagrada às “Poéticas da resistência”, na Maison de la Poésie, em Paris. Esse evento pôde ocorrer graças à iniciativa do *Institut du Tout-Monde* e de Loïc Céry. Vale a pena lembrar o contexto político e social no momento da publicação do ensaio: nos Estados Unidos, Donald Trump, representado pela sinédoque “mecha loira” (“*mèche blonde*”, CHAMOISEAU, 2017, p. 20), acaba de ser eleito presidente; na França, a candidata de extrema-direita se arvora ao segundo turno das eleições presidenciais. O imenso campo de migrantes intitulado “selva de Calais” é desmantelado em outubro de 2016, assim como os acampamentos parisienses. A questão migratória produz imagens, suscita polêmicas, nutre debates midiáticos. O jornal *The Guardian* publica, em junho de 2019, a lista dos trinta e quatro mil, trezentos e sessenta e um migrantes mortos desde 1993 no perigoso caminho que leva à Europa.

Concebido como um evento literário aliado a uma urgência humanitária, o apelo do autor martinicano em favor de uma solidariedade a ser levada aos migrantes e de uma exigência que visa a refundar o mundo a partir da presença deles foi qualificada pela crítica, diversas vezes, como humanismo. A vulgarização desse termo, que corre o risco de se tornar um termo “guarda-chuva” (BOURIAU, 2007, p. 7), exige que se meça sua justeza, seu uso e sua contribuição. Nessa mesma linha, revela-se útil enxergar a possibilidade do “humanismo na medida do mundo”⁵

⁴ “ceux qui sont tombés avant d’arriver”. Todas as traduções de fragmentos citadas em nota de rodapé são de nossa autoria. Aquelas que não apresentam o original correspondem a traduções já publicadas no Brasil, indicadas nas referências bibliográficas. [N. dos T.]

⁵ “humanisme à mesure du monde”.

(CÉSAIRE, 1973, p. 54). A utopia política patente no ensaio de Patrick Chamoiseau sugere a ideia de uma intenção humanista. Concebido como uma ampla fala comum sintetizando múltiplas fontes literárias, para além de uma aparente fragmentação, *Frères migrants* se inspira da integralidade do pensamento poético e político de Édouard Glissant, do qual quer ser, ostensivamente, a continuação. “Não existe intenção que resista ao impulso do imaginado. Mas não existe obra que, ao se elaborar, não se arme de uma única, inalterável e frequentemente incomunicável intenção”⁶ (GLISSANT, 1969, p. 35). Se seguirmos esse raciocínio, a intenção da Relação seria bem defendida somente pelos poetas: “Apenas os poetas aqui estiveram à escuta do mundo, fertilizaram com antecedência. Sabemos o tempo necessário para que escutemos suas vozes”⁷ (GLISSANT, 1969, p. 42). Esses poetas, vistos como profetas cuja voz seria destinada a ser ouvida somente no futuro, carregam a declaração final e delineiam as formas, dadas como inéditas, de uma estética e de uma ética humanistas. A carne do texto se quer também fala poética, concebida como um quadro híbrido onde se gravam numerosas cores e que incorpora, *in absentia*, a fotografia do pequeno Aylan, um garoto sírio cujo corpo inerte foi encontrado numa praia turca. Esse garoto mártir alcança, assim, a posição de um arquivo da Relação.

A intenção humanista, antes de mais nada, deveria ser buscada na frequentação e na convocação sistemática de uma vasta biblioteca e pela cenografia de uma erudição posta a serviço do drama vivido pelos migrantes. Ela deveria ser, em seguida, confrontada aos limites do humanismo europeu e de seus fundamentos, seus pontos cegos ou mortíferos, que o pensamento político expresso no ensaio pretende a um só tempo denunciar, superar e preencher. A intenção humanista deveria, finalmente, ser encontrada nas ramificações desse ensaio. Na esteira de uma “literatura mundo em francês”⁸ (LE BRIS; ROUAUD, 2007), a obra coletiva *Osons la fraternité! Les écrivains aux côtés des migrants* [Ousemos a fraternidade! Os escritores ao lado dos migrantes] (CHAMOISEAU; LE BRIS, 2018) pretende tornar concreto, ainda que de modos frequentemente distintos, se não contraditórios, o apelo de *Frères migrants*.

I - Qual biblioteca para qual humanismo?

⁶ “Il n’est pas d’intention qui résiste à la poussée de l’imaginé. Mais il n’est pas d’œuvre qui, s’élaborant, ne s’arme d’une seule inaltérable et souvent incommunicable intention”.

⁷ “Seuls les poètes ici furent à l’écoute du monde, fertilisèrent par avance. On sait le temps qu’il faut pour qu’on entende leur voix”.

⁸ “littérature monde en français”.

É necessário recordar as primeiras palavras de *Escrever em país dominado* [*Escrever em país dominado*]: “Como escrever, dominado?! O que as literaturas previram para você?”⁹ (CHAMOISEAU, 1997, p. 17). O ensaio, em sua integralidade, esforça-se para reler seus autores preferidos, religando-os às suas preocupações éticas e estéticas, construindo assim, ao longo das páginas, uma ampla “*sentimenthèque*” [“sentimenteca”] constituída de citações, de reescrituras, de adaptações e de uma abundância de nomes de escritores, como numerosas presenças tutelares, pais fundadores e pares cúmplices. Afirmando sofrer uma dominação colonial tanto mais violenta, na medida em que permanece ocultada pela “condição departamental”¹⁰ das Antilhas francesas (BONNET, 2021), o ensaísta não pretende, todavia, dispensar um patrimônio literário já constituído; seu gesto de desalienação não visa a separar as obras julgadas essenciais para um combate poético-político das obras menos úteis para seu engajamento. Contrariamente, ele se esforça para reunir o espectro mais amplo possível de leituras, para tirar daí o tutano indispensável à construção de seu projeto literário: “Tantas leituras, desde a infância, me deixaram mais do que lembranças: sentimentos. Melhor que uma biblioteca: uma *sentimenteca*” (CHAMOISEAU, 1997, p. 24). Vinte anos mais tarde, *Frères migrants* retoma e aprofunda o espírito e a matéria de *Écrire en pays dominé*.

A intenção humanista deve ser aproximada de certas correntes do humanismo do Renascimento, “que visam à realização do homem completo, ao desenvolvimento de suas faculdades”¹¹ (BOURIAU, 2007, p. 9) e que conferem um lugar proeminente à formação literária; essa última se manifesta sob uma forma digerida e reapropriada. A humanização do homem é efetuada, antes de mais nada, pela frequência assídua das belas letras. Do ponto de vista do leitor, que deve, por conta própria, ao menos em princípio, absorver o conjunto das alusões e citações, referenciadas ou não, a intenção humanista do autor permanece largamente associada às humanidades e à literatura escrita, mesmo se o espectro da oralidade crioula atravessa o ensaio, se inspira de um pensamento teórico e, em contrapartida, suscita este. Assim como em Ermolao Barbaro, o humanismo se vale, antes de mais nada, da “cultura retórica e literária” (BOURIAU, 2007, p. 25). A retórica se materializa pela dicção do texto, teatralizado pela companhia Maztek e encenado em Kourou, na Guiana Francesa, em abril de 2019. Essa literatura, que pretende incluir a oralidade crioula, assim como se dobrar a seus ritmos e à memória onipresente de suas formas e de seu espírito, permitiria assim estabelecer uma separação entre o humanismo e a barbárie, na linha das concepções filosóficas de Schiller, Barbaro e Kant. A barbárie não se vale da ausência da cultura letrada, mas da brutalidade intencional dos homens e de sua

⁹ “Comment écrire, dominé ?/ Qu’ont littératures, prévu pour toi ?”.

¹⁰ “condition départementale”.

¹¹ “visant la réalisation de l’homme complet, le développement de ses facultés”.

propensão a dominar outros seres humanos. Para Patrick Chamoiseau, como para vários outros de seus predecessores humanistas, as letras humanizam o homem. Esse ponto de vista, parcialmente seletivo, encontra-se ilustrado pela forma do ensaio, mais que pela sua afirmação fundada na repetição de que toda a humanidade está incluída, inclusive aquela que foi lançada para fora das fronteiras do humano, assim como os seres vivos não humanos e a integralidade do ecossistema.

O humanismo repousa na escolha das referências e no uso que é feito delas. Se *Frères migrants* se inscreve sob o signo de Édouard Glissant, ele também reivindica a herança de Pier Paolo Pasolini, Antoine de Saint-Exupéry, Aimé Césaire e Georges Didi-Huberman. Todos eles teceram a metáfora do vagalume, imagem eco-poética que ilumina a integralidade do propósito. Patrick Chamoiseau prolonga, sobretudo, uma reflexão filosófica e política e uma forma escritural iniciada por Georges Didi-Huberman (2009), que toma emprestada de Pier Paolo Pasolini a metáfora do vagalume, que este tinha, por sua vez, tomado emprestada a Dante, invertendo seu significado inicial. De caráter negativo sob a pluma de Dante, que assim designa os políticos desonestos, o vagalume passa a ser imagem da resistência humana, figura de uma ética da sutileza: ele indica, ao mesmo tempo, os olhos febris dos migrantes e os gestos de solidariedade em sua direção, os quais rehumanizam o mundo. Se Aimé Césaire convocava a “Não perder a esperança com os vagalumes”¹², como lembra a citação colocada em epígrafe (CHAMOISEAU, 2017, p. 9), é sobretudo ao autor do *Discurso sobre o colonialismo* [*Discours sur le colonialisme*] que *Frères migrants* se refere, atualizando e prolongando seu pensamento. Os países de onde provêm os migrantes - Iraque, Eritreia, Afeganistão, Sudão, Síria - pertencem todos à cartografia dos antigos impérios ocidentais. Diante disso, a presença dos migrantes na Europa seria sobretudo a estrondosa demonstração dos vestígios persistentes do imperialismo ocidental. Aimé Césaire examina com acuidade os limites e as mentiras do humanismo burguês, produtor de um “pseudo-humanismo”, e relembra ao “burguês muito distinto, muito humanista e muito cristão do século XX que ele carrega consigo um Hitler sem saber, que Hitler vive nele [...]” (2020, p. 18). Por sua vez, Patrick Chamoiseau afirma que há “pedaços de Trump em cada um de nós”¹³ (2017, p. 120). Aimé Césaire demonstra, de maneira implacável, que o humanismo europeu acaba quando chega nas portas da Europa e, desprezando seus próprios valores, exclui das práticas reais os povos colonizados, relegados aos métodos de tortura mais bárbaros. Patrick Chamoiseau demonstra, por sua vez, que os “campos são apenas o espetáculo de um inumano já antigo”¹⁴ (2017, p. 114). Recusando a hospitalidade aos migrantes, colocamos em perigo nossa própria humanidade, contribuimos a reduzir a

¹² “Ne pas désespérer des lucioles”.

¹³ “des bouts de Trump en chacun de nous”.

¹⁴ “camps ne sont que le spectaculaire d’un inhumain déjà ancien”.

32 Criação & Crítica

cinzas as formas de humanismo às quais estamos tradicionalmente vinculados e damos livre curso ao monstro que nos habita e nos avilta. Ele retoma, assim, quase termo a termo, a teoria do “contragolpe da colonização”¹⁵ (CÉSAIRE, 1973, p. 18). Como lembra Romuald Fonkoua: “[Césaire] mostra, num primeiro momento, como a colonização trabalha para descivilizar o colonizador, ou como a civilização, pela colonização, conduz à barbárie”¹⁶ (2010, p. 151).

A munição que Patrick Chamoiseau lança contra o neoliberalismo se junta àquela de seu preceptor contra o capitalismo, cuja destruição por meio da Revolução ele desejava. O pensamento humanista não poderia existir no seio de um mundo capitalista: “a Europa, se não for cuidadosa, perecerá do vazio que causou ao seu redor” (CÉSAIRE, 2020, p. 73). A profecia de Aimé Césaire se inscreve numa crítica virulenta ao Estado-nação e preconiza um internacionalismo proletário; Patrick Chamoiseau prediz que a Europa perecerá de sua recusa em acolher os migrantes. A intenção humanista se inscreve, em filigrana, na desconstrução das formas mais hipócritas do humanismo europeu e se apoia numa releitura advinda da tradição crítica antilhana, em meio à qual a produção de Édouard Glissant ocupa um lugar capital. *Frères migrants* se inscreve na linhagem dos ensaios que os dois autores escreveram juntos: *Quand les murs tombent. L’identité nationale hors-la-loi?* [*Quando caem os muros. A identidade nacional fora da lei?*] e *L’intraitable beauté du monde. Adresse à Barak Obama* [*A intratável beleza do mundo. Carta a Barack Obama*], publicados respectivamente em 2007 e 2009, e que já esboçavam uma desconstrução das formas canônicas do humanismo e uma reflexão sobre o conceito de “desumano” [“*déshumain*”]. A maior parte dos conceitos glissantianos é largamente explorada e reapropriada – Relação [*Relation*], mundialidade [*mondialité*] e Mundo-Todo [*Tout-Monde*], principalmente. O drama dos migrantes no Mediterrâneo é pensado a partir dos paradigmas do tráfico negreiro, marco inicial da Relação, ideia amplamente desenvolvida por Édouard Glissant em *Poética da Relação* [*Poétique de la Relation*]. Enquanto este último, ao menos na parte de sua obra que precede *Tout-Monde* (1995), estabelecia uma nítida divisão entre o Atlântico, oceano da deportação e da Relação, e o Mediterrâneo, mar fechado, protetor das civilizações enraizadas e, no fim das contas, berço do humanismo clássico, Patrick Chamoiseau percebe o Mediterrâneo, tornado um cemitério marinho, como o prolongamento atual do Atlântico e do tráfico negreiro. Trata-se, portanto, de pensar o drama contemporâneo dos migrantes a partir da tragédia ancestral da deportação dos subsaarianos que precedia sua escravização; constata-se, aqui, o afastamento para com outras aproximações históricas frequentemente efetuadas, que visam estabelecer uma ligação entre

¹⁵ “choc en retour de la colonisation”.

¹⁶ “[Césaire] montre dans un premier temps comment la colonisation travaille à déciviliser le colonisateur, ou comment la civilisation, par la colonisation, conduit à la barbarie”.

campos de migrantes e campos nazistas¹⁷ (MACÉ, 2017, p. 10). Os migrantes figuram, aqui, os descendentes diretos dos subsaarianos lançados para fora da humanidade; o navio negreiro prefigura as jangadas que tentam atravessar o Mediterrâneo, declinações do que Édouard Glissant chama de “a barca aberta” (2021, p. 29), que prolongam seu espectro. A refundação da humanidade só pode ser feita a partir dos vestígios da Relação, dispersos entre a África e as Américas, que finalmente conduzem a revisitar as formas culturais antigas africanas que definiam a noção de pessoa. Essa é provavelmente a ideia que subjaz à “Declaração dos poetas”, inspirada na Carta de Kurukan Fuga que foi objeto de debates recentes. Em relação a esse tema, remeto à obra *En quête d’Afrique(s). Universalisme et pensée décoloniale*, mais especificamente ao capítulo “Sur les chartes du Mandé” (BACHIR DIAGNE; AMSELLE, 2018). Essa carta é enunciada em sete pontos, e teria sido proclamada por Soundjata, fundador do império do Mali, e seus pares. Ela enuncia os direitos do indivíduo e os enraíza na África do oeste. A questão da anterioridade e da ancestralidade - o culto dos ancestrais - não parece aqui primordial: o que importa é a visível hibridez de uma biblioteca que amplia, no espaço e no tempo, a possibilidade de um humanismo por vir. Os “irmãos humanos” [*frères humains*] da “Balada dos enforcados” [*Balade des pendus*] de François Villon, cujo espírito é retomado pelo título do ensaio, entram em congruência com os migrantes, cujos direitos fundamentais são reivindicados por poetas que se inspiram de uma jurisdição de fonte subsaariana. O espírito de um humanismo criouliizado se enuncia desta forma: consiste em escrever, esforçando-se para que os escritos atravessassem as fronteiras.

II - Um alterhumanismo?

O *alterhumanismo* se funda sobre uma ética da sutileza e do cuidado. É nesse viés, e não naquele da cultura letrada erudita, que são introduzidas as mulheres, quase ausentes da “*Sentimenteca*”, mantidas por muito tempo fora das filosofias humanistas. Tudo se passa como se Man Ninote - a mãe do autor, mulher combativa inteiramente dedicada à sobrevivência da família, à qual é dedicada a narrativa *La matière de l’absence* [*A matéria da ausência*] (CHAMOISEAU, 2016) - encarnasse, nas entrelinhas, um modo feminino e resistente de se colocar diante do mundo. A cineasta Hind Meddeb e a escritora Jane Sautière são apresentadas como sinalizadoras que alertam quando a realidade se torna insuportável. Jane serve café da manhã aos migrantes, Hind filma e denuncia sua humanidade violada e a islamofobia que as circunda. A intenção humanista se articula numa economia dos

¹⁷ Marielle Macé estabelece um paralelo histórico entre o campo de Austerlitz, povoado de migrantes, e o “campo anexo de Austerlitz”, onde eram agrupados os espólios dos judeus que foram deportados.

32 Criação & Crítica

pequenos gestos, atitude empática que traça os contornos de uma sensibilidade ao humano, à mundialidade e a tudo aquilo que vive, longe de um pensamento rígido do “humanismo erigido como ‘valor’, erguido verticalmente no centro do existente”¹⁸ (CHAMOISEAU, 2017, p. 70). É no próprio exercício da hospitalidade que selamos nosso pertencimento à humanidade e ao mundo, conforme afirma repetidamente Patrick Chamoiseau. Contudo, o humanismo deve escapar ao humanitário que serve apenas para regular o sistema capitalista, o qual sobreviverá à sua morte, conforme profetiza o autor, num contexto da “usura dos Partidos que reivindicam os bens comuns e o progresso social”¹⁹.

Para além de sua própria vida, com a qual devemos contribuir, o que os migrantes nos trazem? Decerto encarnam, por sua capacidade de agir, seu poder de existir, uma forma reatualizada do que Montaigne denominava “metamorfose” [*métamorphose*]: uma capacidade de abertura e de adaptação às provações da vida. Eles devem suscitar nossa relação benevolente com o mundo e definir nosso devir. A atitude que adotaremos para com eles ditará nossa potencialidade para sairmos do que Pier Paolo Pasolini, retomado por Georges Didi-Huberman, denominava o “verdadeiro fascismo” [*véritable fascisme*] (2009, p. 24), não recuando, se necessário for, diante do delito de solidariedade. De fato, é preciso compreender que a intenção humanista deste ensaio está intrinsecamente ligada à noção de “Relação” [*Relation*], cuja origem está em Glissant. Esse termo, aliado a outros conceitos glissantianos já evocados, quase substitui a palavra “humanismo”, demasiado marcada ideológica e historicamente, sem, no entanto, eclipsá-la totalmente, submetendo-a a uma operação de reciclagem. Daí em diante, de maneira coerente, a atitude adotada para com os migrantes e o que eles representam - a própria ideia do caminho humano, que é, antes de mais nada, movimento - determina a salvação [*salut*] de todos os homens, no sentido quase religioso do termo. O religioso seria, conforme a etimologia cristã, aquilo que religa. A convicção de que “o doar libera aquele que doa e aquele que recebe. Ele não reconhece, não obriga” (2017, p. 87) não deixa de ter relações com o princípio da tzedaká no judaísmo, que consiste em doar com humildade ou, mais amplamente, com todas as filosofias religiosas da doação que também explicam à sua maneira como doar.

O *alter*humanismo, seja na forma - tessitura vertiginosa de citações -, seja no fundo - ações concretas a realizar -, define, em negativo, a função do escritor francófono e uma das promessas das literaturas pós-coloniais contemporâneas: figurar uma forma de escritura por vir que seja inseparável de uma inserção global e reformadora das filosofias anteriores.

¹⁸ “l’humanisme érigé en “valeur”, dressé en verticale au centre de l’existant”.

¹⁹ “l’usure des Partis se réclamant des biens communs et du progrès social”.

III - Podemos ousar o humanismo fraterno?

A difusão midiático-cultural de que *Frères migrants* se valeu após seu lançamento contribuiu para sua distinção em meio à abundante literatura de língua francesa que trata da urgência migratória. A obra coletiva *Osons la fraternité ! Les écrivains aux côtés des migrants*, organizada por Patrick Chamoiseau e Michel Le Bris, coloca-se inteiramente sob o signo do ensaio do escritor martinicano, sendo ao mesmo tempo imbuída do espírito do livro coletivo *Pour une littérature-monde* [*Por uma literatura-mundo*], coordenada por Michel Le Bris e Jean Rouaud (2007). Nas duas obras, o engajamento dos escritores solicitados está fortemente associado a uma postura de autor: conduta que permite ocupar uma posição identificável no campo literário. Ao convidar a reagir à atualidade migratória, *Osons la fraternité !* mobiliza a postura do “escritor-cidadão, engajado, que apela ao profano (o grande público) para legitimar sua tomada de posição, para muito além do meio literário [...]”²⁰ (MEIZOZ, 2007, p. 25). Os direitos autorais são revertidos ao GISTI, associação de auxílio aos migrantes, demonstrando preocupação com a ação concreta e explicitando a noção já mencionada de doação. Se a maior parte dos textos dão continuidade à matéria de *Frères migrants*, suscitando a tomada de consciência e a necessidade de um ímpeto fraterno, ao misturar humanismo e engajamento, “Akli ou la folie des grandeurs” [“Akli ou a loucura das grandezas”], de Boualem Sansal, e “L’absence” [“A ausência”], de Sami Tchak, prolongam o ensaio de Patrick Chamoiseau ao mesmo tempo que o contradizem.

“Akli ou la folie des grandeurs” esboça uma sátira do ativismo identitário e do regionalismo cabila, pegando assim no contrapé uma literatura argelina francófona em geral aberta à cultura cabila e às reivindicações ligadas a ela²¹. O personagem Akli encarna uma medíocre figura do ressentimento. Sua pequenez e nulidade, sua profunda impermeabilidade às práticas humanistas se materializam numa identidade erguida como uma tocha: “Ele estava todo excitado, não dizia ‘Eu sou cabila’, mas ‘Eu sou cabila e tenho orgulho de ser!’”²² (SANSAL, 2018, p. 226). O itinerário do personagem se vale de todas as etapas da radicalização e adota seus clichês: Akli vai a Argel, junta-se aos islamistas, passa um tempo na prisão e finalmente se perde no “melting pot da periferia [parisiense]”²³, onde assume a causa de *Daesh* (SANSAL, 2018, p. 229). Ao contrário de Maryse Condé, cuja ficção se inspira no real - *Le fabuleux et triste destin d’Ivan et d’Ivana* [“O fabuloso destino de Ivan e de Ivana”]

²⁰ “l’*écrivain-citoyen*, engagé, qui en appelle au profane (le large public) pour légitimer sa prise de position bien au-delà du milieu littéraire [...]”.

²¹ Essa literatura é produzida por Mouloud Mammeri, Mouloud Feraoun, entre outros. [N. da A.]

²² “Il était tout excité, il ne disait pas “Je suis kabyle” mais “Je suis kabyle et fier de l’être!”.

²³ “le *melting pot* de la banlieue [parisienne]”.

(2017) desvela o processo de radicalização - Boualem Sansal faz com que as pulsões assassinas de seu personagem e de outras crianças da Cabília derivem tão-somente do regionalismo identitário. O raciocínio que se impõe tem algo de silogismo: Akli é um fanático identitário, Akli é um migrante e um terrorista, logo, é compreensível que os europeus não apreciem os migrantes. Contudo, o autor nuança suas afirmações, sobretudo no que ele denomina “moral da história”. Como o inferno está cheio de boas intenções, a responsabilidade dos países ocidentais - em matéria tanto de imigração quanto de terrorismo - é largamente excluída, em prol de uma responsabilidade tribal que, uma vez levada em conta, convidaria a descolonizar primeiro a Argélia, cujo povo foge para se refugiar no antigo colonizador. A partir daí, torna-se difícil ligar o veredito de Boualem Sansal à ética da hospitalidade desenvolvida por *Frères migrants* e pela introdução de *Osons la fraternité !*. A leitura política de Patrick Chamoiseau, que evoca “as loucuras terroristas que provêm [desses países] como réplicas e que são alimentadas pela instância plenária da islamofobia, de seus ecos servis e de suas raízes racistas...”²⁴ (2017, p. 27), desaparece em benefício de uma responsabilidade a ser imputada aos países outrora colonizados. Nessa breve narrativa, Boualem Sansal introduz o fermento de uma polêmica que, na França, não para de crescer. Um de seus pontos nevrálgicos foi a publicação, pela revista *Le Point*, em novembro de 2018, de um artigo de opinião assinado por oitenta intelectuais (entre os quais o escritor argelino) e intitulada “O ‘descolonialismo’: uma estratégia hegemônica” [“Le ‘décolonialisme’: une stratégie hégémonique”]. Se o inverso do humanismo é a violência, essa violência emanaria, antes de mais nada, de um país outrora colonizado. A afirmação do romancista esposa, aqui, algumas formas e práticas de um humanismo que Aimé Césaire teria, talvez, qualificado como “burguês”. Ele aponta a responsabilidade individual e a ausência de humanidade dos migrantes culpados por crimes, que, por sua vez, Patrick Chamoiseau intitulava “crápulas” [“crapules”] (2017, p. 91), mas não enxerga os vestígios da implicação colonial inscrita no identitarismo cabila e no processo de radicalização.

Se a postura “antidecolonial” de Boualem Sansal - que não pressupõe qualquer reabilitação do humanismo nem qualquer inclusão de humanismos não ocidentais - é assumida, a postura “decolonial” encampada, *mutatis mutandis*, por Sami Tchak implica uma interrogação sobre os motivos que guiam o acolhimento dos migrantes nos países ocidentais. O conto “A ausência” alterna duas versões de uma mesma história: a versão de um migrante africano contada do ponto de vista de sua esposa que permaneceu no país, e a versão narrada do ponto de vista de seu anfitrião francês, Aimé Lenoir - “le noir”, aquele que gosta dos negros, cujo nome abriga em si todo um programa! Enquanto a esposa desprezada descreve um monstro, um homem

²⁴ “ les folies terroristes qui proviennent [de ces pays] comme des répliques et qu’alimente l’instance plénière de l’islamophobie, de ses échos serviles et de ses sources racistes...”.

anticristão, perverso e cruel que a obrigou a se prostituir para pagar sua passagem, o anfitrião francês, cheio de bons sentimentos, esboça o retrato de um adversário político cujas peripécias africanas se declinam, ironicamente, no registro do picaresco (TCHAK, 2018, p. 237). O filantropo, que não conhece a versão correta da história de seu protegido, pretende de início, por seu gesto de caridade, valor órfão desconectado da exigência da Relação, salvar a alma dele e povoar sua solidão com uma presença humana. Essa história pode, ao menos parcialmente, ilustrar a advertência de Chamoiseau que incita a não repetir a ação de Madre Teresa, “compassiva, ligada sem remissão à miséria e à pobreza, fundando sua própria eternidade na eternidade deles”²⁵ (2017, p. 69), além daquela do historiador Patrick Boucheron, nesse mesmo livro, que convida a não sucumbir à “dupla vertigem da exotização e da identificação”²⁶ (BOUCHERON, 2018, p. 63).

Culpado de generosidade inapropriada, o amigo dos negros ilustra, no entanto, uma atitude valorizada por Patrick Chamoiseau e Michel Le Bris: ele “se ajoelha junto a uma ideia de humano”²⁷ (2018, p. 12), mas essa ideia é encarnada por um homem inumano: por trás de seu valor abstrato, perfila-se o retrato concreto de um carrasco cuja crueza chega às raias da caricatura, de um impostor que a ficção busca desnudar. A exemplo do conto de Boulem Sansal, a exemplo também de uma certa retórica decolonial, a narrativa de tese de Sami Tchak deixa pouco lugar para a emergência de um *alterhumanismo*. De modos distintos, bem longe da introdução liricamente generosa da obra, os dois contos flertam com pensamentos anti-humanistas cujo teor traz à mente a prosa de Michel Houellebecq. Eles dispensam os humanismos clássicos e aniquilam a possibilidade de um *alterhumanismo*: a transcendência se dissolve na ironia. Enquanto Boualem Sansam demonstra finalmente que o humanismo não pode ser pensado a partir de lugares de fora do Ocidente, Sami Tchak nega a possibilidade de uma mundialidade que não condenaria os europeus a estarem sempre errados, quaisquer que sejam suas intenções e seus gestos, em razão de um racismo sistêmico do qual o antirracismo moral seria um desdobramento.

Provavelmente, não é fácil publicar hoje um ensaio dedicado à migração que consiga se colocar como um ponto de virada, na medida em que os campos literários e culturais francófonos dessa primeira parte do século XXI estão saturados de escritos, de documentários e de filmes sobre o drama dos migrantes. No entanto, Patrick Chamoiseau consegue realizar isso, ao reativar a postura do “*escritor-cidadão*”, ao se apoiar numa vasta rede e graças à renovação do pensamento humanista. Cheio de intertextos, seu ensaio constrói uma biblioteca que perpetua uma

²⁵ “compassionnelle, liée sans rémission à la misère et à la pauvreté, fondant sa propre éternité dans leur éternité”.

²⁶ “double vertige de l'exotisation et de l'identification”.

²⁷ “s'agenouill[e] au chevet d'une idée de l'humain”.

linhagem humanista escolhida cuidadosamente. Afirma uma maneira de perceber o mundo de outro modo, erguido diretamente no pensamento da tragédia negra e na dissecação dos métodos coloniais. Ele deseja propor, na esteira de Édouard Glissant, de quem reivindica ostensivamente ser herdeiro, um “sonho crioulo [que] não é apenas uma profissão de fé humanista ou uma proposição compensatória [...]”²⁸ (SIMASOTCHI-BRONÈS, 2020, p. 30). A metáfora do vagalume materializa esse sonho, designa o ensaio e seu autor. A obra-vagalume engendra textos destinados a prolongar seu teor e a assegurar sua difusão plena; sua luz ilumina lugares nevrálgicos do mundo. Determinadas narrativas desenham, porém, um gesto de dissidência com relação ao projeto inicial: seus autores assumem, assim, uma postura dissidente da dissidência, suscetível, por sua vez, de engajar outros debates. Os pensamentos humanistas estão apenas no começo e prosseguem sendo, em extensão, diversos e ondulantes, para parafrasear Montaigne.

Referências bibliográficas

- BACHIR DIAGNE, Souleymane; AMSELLE, Jean-Loup. *En quête d’Afrique(s). Universalisme et pensée décoloniale*. Paris: Albin Michel, 2018.
- BONNET, Véronique. « Raphaël Confiant : portraits pluriels de l’écrivain en (auto)biographe ». In : BESSIÈRE, Jean; CARVIGAN-CASSIN, Laura (Org.). *Les vie de Raphaël Confiant ou les multiples facettes de l’œuvre d’un écrivain créole. Archipélies* [en ligne]. 11-12. Déc. 2021, acesso em 11/02/2022. URL : <https://www.archipelies.org/989>
- BOUCHERON, Patrick. « La nasse, le pont ». In : CHAMOISEAU, Patrick, LE BRIS, Michel. *Osons la fraternité ! Les écrivains aux côtés des migrants*. Paris: Philippe Rey, avec le festival Étonnants Voyageurs, 2018, p. 55-64.
- BOURIAU, Christophe. *Qu’est-ce que l’humanisme*. Paris: Vrin, 2007.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discours sur le colonialisme*. Paris: Présence africaine, 1973 [1955]. Em português: *Discurso sobre o colonialismo*. Trad. Claudio Willer. São Paulo: Veneta, 2020.
- CHAMOISEAU, Patrick. *Écrire en pays dominé*. Paris: Gallimard, 1997.
- CHAMOISEAU, Patrick. *La matière de l’absence*. Paris: Seuil, 2016.
- CHAMOISEAU, Patrick. *Frères migrants*. Paris: Seuil, 2017.
- CHAMOISEAU, Patrick; GLISSANT, Édouard. *Quand les murs tombent. L’identité nationale hors-la-loi ?* Paris: Éditions Galaade, Institut du Tout-monde, 2007.

²⁸ “rêve créole [qui] n’est pas seulement une profession de foi humaniste ou une proposition compensatrice [...]”.

- CHAMOISEAU, Patrick; GLISSANT, Édouard. *L'intratable beauté du monde. Adresse à Barak Obama*. Paris: Éditions Galaade, Institut du Tout-monde, 2009.
- CHAMOISEAU, Patrick; LE BRIS, Michel. « Là où littérature ne peut ». In : CHAMOISEAU, Patrick, LE BRIS, Michel. *Osons la fraternité ! Les écrivains aux côtés des migrants*. Paris: Philippe Rey, avec le festival Étonnants Voyageurs, 2018, p. 7-14.
- CONDÉ, Maryse. *Le fabuleux destin d'Ivan et Ivana*. Paris: JC Lattès, 2017.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Survivance des lucioles*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2009.
- FONKOUA, Romuald. *Aimé Césaire*, Paris: Perrin, 2010.
- GLISSANT, Édouard. *L'intention poétique*. Paris: Seuil, 1969.
- GLISSANT, Édouard. *Poétique de la Relation*. Paris: Gallimard, 1990. Em português: *Poética da Relação*. Trad. Marcela Vieira e Eduardo Jorge. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- GLISSANT, Édouard. *Tout-Monde*, Paris: Gallimard, 1995.
- LE BRIS, Michel; ROUAUD, Jean (Org.). *Pour une littérature-monde*. Paris : Gallimard, 2007.
- MACÉ, Marielle. *Sidérer, considérer. Migrants en France*, Paris: Verdier, 2017.
- MEIZOZ, Jérôme. *Postures littéraires. Mises en scène modernes de l'auteur*. Genève: Slatkine Érudition, 2007.
- SANSAL, Boualem. « Akli ou la folie des grandeurs ». In : CHAMOISEAU, Patrick, LE BRIS, Michel (Org.). *Osons la fraternité ! Les écrivains aux côtés des migrants*. Paris: Philippe Rey, avec le festival Étonnants Voyageurs, 2018, p. 223-230.
- SIMASOTCHI-BRONÈS, Françoise. « " La créolisation, une poétique qui est un miracle ". Un rêve créole d'Édouard Glissant ». In : NOUDELMANN, François; SIMASOTCHI-BRONÈS, Françoise; TOMA, Yann (Org.). *Archipels Glissant*. Presses universitaires de Vincennes. « Littérature Hors Frontière », p. 30, 2020.
- TCHAK, Sami. « L'absence ». In : CHAMOISEAU, Patrick. ; LE BRIS, Michel. (Org.). *Osons la fraternité ! Les écrivains aux côtés des migrants*. Paris: Philippe Rey, avec le festival Étonnants Voyageurs, 2018, p. 261-270.

Recebido em: 15/02/2022

Aceito em: 23/05/2022

Referência eletrônica: BONNET, Véronique. *Frères Migrants*, de Patrick Chamoiseau: a intenção humanista. Trad.: Henrique Provinzano Amaral; Thiago Mattos. *Criação & Crítica*, n. 32, p., jul. 2022. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.